

Um bandido. E uma luz vermelha

Ou, “o dia em que conheci Rogério Sganzerla”, o crítico de cinema do Jornal de Brasília

Fernando Mesquita

Em fins de 1967, na rua Aureliano Coutinho, São Paulo, estávamos preocupados com passeatas. Como todos se recordam, naquela época “a ditadura estava em decomposição final” e, apesar de a economia estar crescendo firmemente há muitos meses no que seria o preâmbulo do **Milagre**, a nosso olhar militante (ocasionalmente estudando economia) isso era só “a fase ascendente do ciclo”, e, em breve, as massas se “rebelariam”, incluindo, numa deliciosa inevitabilidade histórica, uma “classe média proletarizada” que, era fatal, “radicalizaria”.

Por coincidência algo literária éramos seis, mas por nossa república (como já notara o Deops) havia um trânsito intenso de colegas, uns “firmes”, outros um pouco “vacilantes”. Lá moraram ou transitaram, entre outros, Frederico Mazuchelli, Luciano Coutinho, José Maria Arbex, Ronaldo Vecchia, Andrea Calabi, Philippe Reichstul, Reinaldo Carcanholo, Ronaldo Marcos dos Santos. Este último apresentava sinais do que considerávamos ser “alienação hippie” (alienação era a nossa palavra-valise). Dormia num **sleeping bag** e tinha um grupo de amigos estranhos, particularmente um, que usava conjunto lee de calça e japona, com uma gravata enorme, violeta, um tal de Rogério.

Um dia esses amigos chegaram



Sganzerla: a partir de agora comentando os longas do Festival

com um velho e pesado projetor. Junto, uma cópia do **L'Age d'or** e uma cópia mal mimeografada de um filme que esse tal de Rogério queria fazer, e que se chamava **O Bandido da Luz Vermelha**.

O material ficou num canto, meses a fio, o grupo desapareceu. Nos fins de semana, projetávamos

L'Age D'or no paredão do prédio em frente, em tela monumental. Não sei se cenas como aquela em que a heroína, sozinha num jardim, resolve, subitamente chupar o dedão de uma estátua de mármore eram compreendidas por uma platéia de domésticas e crianças, mas estas exhibições, duplamente surrealistas, por certo agradariam ao pró-

prio Buñuel.

(Depois, prisões, mortes, guerrilha, a aventura de 68, “o ano que não terminou”).

Em 1979, durante um ciclo de discussões dirigido por Ismail Xavier, em São Paulo, compreendi o encontro marcado em 1967 com o (premiado) **Bandido da Luz Ver-**

Arquivo

melha, de Rogério Sganzerla. Lembro ter dito o tempo todo comigo “puxa, naquela época ele já sacava isso!”. Algumas anotações do que explodiu durante o debate:

— Há, na narrativa de **O Bandido...** uma adesão irrestrita à boçalidade como olhar geral da sociedade. Já então Sganzerla percebia a importância de manufaturas degradadas como o programa radiofônico de crônica policial como veículo de autoconsciência da “massa” urbana enquanto representação privilegiada do cotidiano da grande cidade.

— A antropofagia, como a quis Osvald de Andrade, só pode ser um gesto cultural de elite. A boçalidade, percebida por Sganzerla, é uma espécie de antropofagia cultural possível para a massa. Os signos e produtos da sociedade industrial de consumo são deglutidos inconscientemente e (re)produzidos no nível da degradação material da sociedade. Existe como que uma correlação necessária entre o sambão “jóia”, a sandália barata de plástico e a boca desdentada.

— A boçalidade é um compromisso entre a vontade suprema de viver e a incompreensão insuperável dos signos da sociedade dominante. Mas é um estado vital, “aberto” e, ao mesmo tempo, fosco, incompreensível para os dominadores. É uma **charada** dos dominados. É uma bomba de retardo social, pela acumulação de **disfunções...**